

A GÊNESE DO RELIGIOSO: A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA E DA MIMESE EM RENÉ GIRARD

Manoel Ribeiro de Moraes Júnior (Doutorando em Ciências da Religião: UMESP/CNPQ. Professor de Filosofia Geral e do Direito na UNESA e Professor de Filosofia no Seminário Presbiteriano do Rio de Janeiro).

Resumo

Este artigo explora as dimensões conexas do mito, rito e interdito na perspectiva pós durkheiminiana que, trilhando sob os olhares teóricos de René Girard, observa não só a função mas a gênese do religioso.

Palavras-Chave: Religião, mito, sacrifício, interdito, René Girard

Abstract

The genesis of the religious: the topic of the violence and the *mimese* in René Girard

This article explores the dimensions of the myth, rituals and interdict in the post Durkheim's perspective under the theoretical view of Rene Girard. He observes not only the function but also the genesis of the religious.

Key words: Religion, myth, sacrifice, interdict, Girard

Introdução

René Girard não é um crítico literário preso à divisão social do trabalho, mas sim um intelectual cosmopolita que em várias fases de sua vida envolveu-se com pintura, filosofia, antropologia e psicanálise. A sua teoria do sagrado consegue abranger um universo de investigação que foge às rédeas monológicas do modo tradicional de fazer pesquisa. Seu vigor sempre lhe despertou interesses especulativos distante da mesmice teórica de seu tempo. É assim este autor reverenciou participativamente as grandes discussões crítico-literárias, estruturalistas e pós-estruturalistas de seu tempo, mesmo renunciando o modismo desconstrutivista recorrentes nas universidades americanas por estarem afetadas pela *logofobia* e expressarem em suas discussões um desconhecimento da tradição intelectual européia.

O autor da obra *La violence et sacré* traça seu percurso intelectual com um ímpeto autodidata, surpreendendo a comunidade acadêmica envolvida com os temas desenvolvidos por ele – sobretudo os membros dos departamentos da sociologia e da antropologia. Nesta sua obra magna de 1972, o autor alia suas leituras com as de autores como Frazer, Malinowski e Radcliffe-Brown, além de eleger as tragédias *Édipo* e *As Bacantes* como fontes de instigação temática, o seu campo de pesquisa literária. A repercussão de seu empreendimento atraiu inicialmente a atenção de Adorno (alguém que teve interesses numa teoria sócio-cultural não restrita ao mundo ocidental), causou estranhamento a Lucien Goldmann (alguém que restringiu a idéia de disputas miméticas ao mundo imperialista do capitalismo), uma apreciação de Victor Turner, um diálogo construtivo com Jean-Pierre Dupuy e a antipatia de Lévi-Strauss e de grande parte da comunidade de antropólogos franceses – não é por menos, enquanto os estruturalistas viam o mito como um conjunto simbólico de origem cultural, René Girar o vê como mecanismo narrativo que transfigura os mecanismos normativos de controle da ordem social, ou seja, da violência.

Esta comunicação expressa um objetivo de compreender a dimensão pública da Religião nas sociedades tradicionais a partir da teoria de René Girar. Parra isso, ela segue um fio condutor temático que explore as

1. relações entre religião e violência,
2. dimensões da violência e, por último,
3. o papel social que a religião desempenha no desdobramento da violência social.

Religião e Violência

As investigações sobre as dimensões funcionais, significativas e estruturais do religioso, obrigaram o investigador ocidental do pensamento e da sociedade a aceitar a dimensão polimórfica e polissêmica das expressões do sagrado, por organizarem-se por meio de ingredientes específicos de socialização que cada agregação social as guarda com infinitas possibilidades de constituição. É assim que Jean-Pierre Vernant¹ conduz seu olhar investigativo em direção ao sagrado público. Para Vernant, os mitos são narrativas (*logos*) poético-misteriosas que articulam um cenário plástico cosmo-teogônico em meio a tramas dinâmica de poderes transcendentos. Estas narrativas germinam entre o exercício recitativo dos *aedos* que podem ser visto como redutos sedimentadores estético-simbólicos do

¹ VERNANT, J.P. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Trad. Constança Marcondes César. Campinas. São Paulo: Papirus, 1992. _____ . *Mito e Política*. EDUSP, 1996

imaginário coletivo. Assim, a existência dos mitos num determinado espaço político, expressa-as como articulação poética do ideário local de publicidade, estreitando suas afinidades imaginárias com aquelas que procuram demarcar a civilidade das subjetividades e a territorialidade da vida sócio-política. Neste sentido, o religioso articulado em ritos, mitos e interditos, converge suas partes integrantes em um único conjunto que provoca a experimentação e o enaltecimento do sagrado em dimensões públicas. Desta maneira, a transcendência é possível exclusivamente através da mediação social, e sua estruturação simbólica fundamenta a ordem de agregação da comunidade existente. Desta forma, estas sociedades religiosas se caracterizam pela partilha intersubjetiva de valores e costumes, da qual resulta uma indiferenciação no seu *Ethos Substantial* das artes, da política, dos saberes especulativos, do direito e etc. Não é por menos que seus estatutos normativos, expressos de modos indiferentes dentro de seus sistema de valor, fazem com que direito e a moral se misturem às expressões estéticas e religiosas. As normas de ação são celebradas em hinos religiosos, expressas em ditos populares e em pinturas, e fundamentadas em num sistema narrativo teo-cosmogônico. Os códigos de conduta, por assim dizer, estão entrelaçados num sistema simbólico orientado pela visão religiosa de mundo da sociedade na qual eles são predominantes.

O pensamento de Girard gravita entorno da Religião. A princípio, o antropólogo da violência e do religioso concorda com as teses de E. Durkheim que, por sua vez, entende que na religião pode-se encontrar os fios que sustentam as associações coletivas. Contudo, Girard incomoda-se profundamente com a falta de exploração teórico-científica sobre o problema da “gênese da religião”. Por isso, ele sente-se impelido a aprofundar a compreensão do sagrado além daquelas oferecidas pela sociologia clássica (Durkheim e Marcel Mauss) e estruturalista (Lévi-Strauss), rejeitando as abordagens que restringem o mito a aspectos meramente significantes, passando a explorar numa contra mão metodológica, os seus aspectos sócio-funcionais dentro de um projeto coletivo que possui, mas experiências rotineiras de uma sociedade, um papel mais preponderante que o poder de sua significação cultural – ao menos para uma teoria geral da religião, da violência e da sociedade. Ora, para Girard, os mitos podem apresentar mais que representações simbólicas e mentais, quando situam coletivamente as práticas rituais e os interditos. Para o antropólogo francês, as funções originárias do mito são a de garantir a ordem contra o caos (binômios explícitos já nas estruturas narrativas dos próprios mitos). Diante deste procedimento, Girard reforça a antiga tensão entre “significação” e “função” das expressões do sagrado – algo que a antropologia interpretativa procurou evitar nas suas investigações sobre religião e suas expressões, evitando qualquer postulação de um *Hinterwelt* como determinante significativo e funcional não explícito nas expressões sócio-culturais.

Seguindo a lógica da pesquisa empreitada por Girard, os mitos não são constituídos de um sistema simbólico auto-referente, mas sim a partir de padrões de pensamento que podem ser tomados como realidades sociais:

Sempre fui um realista. Durante muito tempo, sequer entendia como se podia negar a realidade a exemplo do que faziam aqueles que acreditavam não existir nada além dos textos. Concordo com vocês: sou fundamentalmente um realista².

Para eles, os sacrifícios e os interditos sociais só podem ser regulares quando os seus exercícios transcendem a rotina na qual estão submersos. Isso aplica-se sobretudo aos ritos sacrificais. Pois, como um ato sacrificial pode ser repetitivo sem causar um clamor em relação ao sacrificado, na tentativa de apaziguar o ato que viola bruscamente a rotina do sacrificado? Existe algum dispositivo que permita matar coletivamente sem qualquer “contato” ou pessoalidade com a vítima?

Há um mistério no sacrifício. As piedades do humanismo clássico adormecem nossa curiosidade, mas a familiaridade com antigos autores desperta-nos. Hoje, o mistério continua impenetrável quanto sempre. Na maneira com a qual os modernos o manejam não se sabe o que predomina: se a indiferença, a distração, ou uma espécie de secreta prudência. Há aqui um segundo mistério, ou é ele mesmo? Por que, por exemplo, ninguém se pergunta sobre as relações entre o sacrifício e a violência?³

Essa tensão entre violência e rito religioso irá provocar uma especulação em Girard que averigüe as afinidades eletivas entre ambas, a violência e o rito sagrado, “desrespeitando” os limites semânticos oferecidos pelas narrativas religiosas e reconstruindo as suas formas mecânicas de criação e manutenção de um sistema ético. Assim, Girard desenvolve suas investigações sobre o religioso e suas relações para com a organicidade de uma sociedade a partir de teses fundamentais, distribuídas em duas dimensões: 1. Numa dimensão antropológica, em que o pensador francês entende que o desejo mimético pode deflagrar conflitos incontroláveis no momento em que o outro se torna padrão do desejo; 2. Numa dimensão sociológica, explora-se a idéia de que o sagrado público tem por objetivo essencial o controle público da violência. Ambas as questões explicam a relação entre o religioso em sua dinâmica cultural na dinâmica existente entre o mito, o rito e a violência.

² GIRARD, René. *Um longo argumento do princípio ao fim. Diálogos com João Cezar de Castro Rocha e Perpaolo Antonello*. Rio de Janeiro: Toopbooks, (s/d), p.40

³ GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.12.

Porém, nas suas análises, o rito torna-se mais importante que o mito pois este continha, segundo próprio René Girard,

a crise e a solução desta por meio da violência coletiva, além, é claro, do elemento decisivo: por que as comunidades e repetem indefinidamente? O desenvolvimento da idéia do assassinato do bode expiatório como dispositivo inconsciente e eficaz (embora enganador) para resolver conflitos forneceu a resposta⁴.

2. As dimensões miméticas e o aparecimento da vítima expiatória

A compreensão da dinâmica coletiva a partir de ações interativas de indivíduos que desejam, faz da teoria de Girard um marco para uma psicopatologia e para uma antropologia da violência. Desenvolvendo conceitos de mimeses, violência, desejo e de ampla compreensão da formação de dispositivos normativos de controle austero da sociedade para regularização da ordem desde as sociedades religiosas (tradicionais) até as sociedades do direito, Girard desmistifica as perversões sociais e os seus respectivos mecanismo de cura. O seu diferencial teórico em relação às teorias clássicas da política e da sociedade, está em que o autor não desenvolve suas observações a partir da calcificada idéia de “subjetividade autônoma”. Para ele, as relações intersubjetivas acontecem a partir de interações entre sujeitos que desejam, e que por isso deflagram o mimetismo violento e também os mecanismos não biológicos de reconciliação⁵.

A preocupação com a possibilidade de desagregação que o desejo pode provocar no interior das comunidades, faz com que Girard esclareça as funções dos sacrifícios ritualísticos, os sacrifícios de morte. Ora, a aparente radicalidade desta tese justifica-se pelo fato de que todos os enraizamentos culturais acontecem de modo violento, abrupto, tributário a uma vítima expiatória. Não é por menos. Os indivíduos que se agregam na formação de uma coletividade humana, são portadores de desejo capazes de violências de auto-afirmação⁶. Assim, só é possível pensar em sociedade se os desejos forem regulados, pois a sua propagação pode desenfrear um ato de violência coletiva autofágica.

⁴ *Idem. Um longo argumento do princípio ao fim. Diálogos com João Cezar de Castro Rocha e Perpaolo Antonello, Op. Cit. P. 85*

⁵ LOPES, Mareia da Graça Silva. *René Girard e a Psicologia Individual. In: O Contributo de René Girard: religião, violência e sociedade.. Revista Portuguesa de Filosofia. Tomo LVI, 2000. Jan/Jun, pp. 174.*

⁶ Esta tese desloca o debate ético pós-hegeliano que entende os conflitos sociais exclusivamente a partir da tensão do reconhecimento de ser. Em Girard, os conflitos não são desencadeados num processo de reconhecimento mas sim de auto-afirmação do sujeito que quer afirmar incondicionalmente o seu desejo.

Para Girard, a violência era o grande desafio das sociedades arcaicas. Ora, sua tese inicial afirma a existência de um controle biológico da violência (*dominance patterns* – mimese de renúncia) entre os animais, algo que já não é tão eficaz entre os seres humanos pois o aumento da capacidade mimética, a mimese de apropriação, entre os *homo sapiens* liberou o excesso de conflitualidade⁷. No animal, os desejos miméticos estão ligados a apetites e às necessidades, mas suas proporções não se comparam com as experimentadas intensamente pelos humanos que pode conduzir a conflitos brutais, muitas vezes mortais⁸.

se o desejo é mimético, o sujeito deseja o mesmo objeto que seu modelo. Se o sujeito deseja o objeto possuído ou desejado pelo modelo, só há duas possibilidades: ou o sujeito se encontra no mesmo mundo que o modelo, ou pertence a outro mundo. Uma vez que estejamos num outro mundo, não podemos possuir o objeto pertencente ao modelo ou por ele desejado, só podemos ter com esse modelo uma relação que, em *Mensonge romantique*, chamei de mediação externa. Com isso, um conflito direto entre o sujeito e o seu modelo está fora de questão, e a mediação externa acaba sendo uma mediação positiva. Se nos achamos no mesmo mundo que o modelo, então o objeto que ele deseja está ao nosso alcance e a rivalidade irrompe. Chamei a esse tipo de rivalidade mediação *interna*. É uma rivalidade que se reforça por si mesma. Em decorrência da proximidade física entre sujeito e modelo, a mediação interna tende a tornar-se mais simétrica; pois, à proporção que o imitador deseja o mesmo objeto desejado pelo seu modelo, este tende a imitá-lo, a tomá-lo como modelo. Assim, o imitador torna-se, ao mesmo tempo, modelo de seu modelo; imitador de seu imitador ... Em tal situação, caminha-se sempre para uma simetria maior e, conseqüentemente, para mais conflitos, já que a simetria só pode produzir duplos.

Com o desaparecimento do objeto, o aumento da rivalidade e a propagação da violência, a *mimese da apropriação* desaparece surgindo em seu lugar a *mimese do antagonismo* onde o outro é manifesto simultaneamente como modelo e obstáculo. As diversas expressões miméticas experimentadas na coletividade humana podem deflagrar um feito progressivo de violência, liberando em estágios avançados os conflitos internos de maneiras desmedidas. Esta é a dimensão do caos mitológico. Porém, aqui surge a hipótese da vitimação unânime, quando a comunidade se vê surpreendentemente unida contra uma pessoa que todos entendem ser responsável pela crise mimética⁹.

⁷ GIRARD, René. *El misterio de nuestro mundo*. Salamanca: Sígueme, 1982.

⁸ GIRARD, R. *Um longo argumento do princípio ao fim. Diálogos com João Cezar de Castro Rocha e Perpaolo Antonello*, Op. Ci, pp. 86-87.

⁹ GIRARD, René. *O Sacrificio & Édipo e a Vítima Expiatória*. In: *A violência e o sagrado*, op. cit., pp 11-116

A reação contra deflagração dos conflitos violentos disseminados socialmente acontece quando a unanimidade elege o responsável pelos males que acontecem à comunidade. O eleito é a vítima onde se operará a descarga de culpabilidade e das impressões dos possíveis motivos de crise que provocaram o desencadeio da violência caótica. Assim nasce o sacrifício expiatório. A violência ritualista (religiosa) tecida numa dimensão ético-religiosa produz um sentimento catártico coletivo que, por sua vez, diminui as possibilidades da ação violenta. A ruptura com a ordem permitida é possível, mas não sem conseqüências de uma crise de identidade em relação à ordem pessoal, natural e social. Ela pode romper por um ato de pulsão, os desejos miméticos, mas o seu desdobramento é impedido por uma regulamentação das ações fundamento no sistema mítico e experimentos nos ritos sacrificais, algo que irá orientar as suas ações sociais.

A capacidade de aplacar os conflitos que o sacrifício da vítima pode produzir, a faz não somente culpada das mazelas mas também a faz sagrada, exterior e transcendente. Esta condução simbólica da vítima entre a culpabilidade e a sacralidade, pode nos mostrar o início das religiões míticas do sagrado¹⁰.

O fato de se terem reconciliado entre si, por causa da mesma vítima, vai criar a ilusão de que ela, tendo sido responsável por todos os males terríficos, é também responsável pela sua própria reconciliação (*duplo transfer*) e, por isso, tem uma natureza diferente, de poderes sobrenaturais que tanto podem desencadear a violência e o castigo, como a paz e a reconciliação (daí também o seu caráter monstruoso). Então os indivíduos convencem-se de que ela é *sagrada*, exterior e transcendente.

Nela se tecem o ideal de sociabilidade, os valores culturais e as castas hierárquicas: corpo sacerdotal, mitos cosmogônicos, os interditos. A vitimização e a ordenação de mundo que ocorre ao seu redor, organizam uma sociedade diferenciada traçando os elementos essenciais de sua cultura. A morte fundadora cria a ordem, assegura a paz, fundamenta o sistema religioso e lança as bases para preservar e o equilíbrio e a coesão social.

3. À guisa de conclusão

As sociedades humanas organizaram sistemas religiosos postulando uma transcendentalidade articulada em:

¹⁰ LOPES, Zeferino. *Para uma nova ciência dos mitos*. In: O Contributo de René Girard: religião, violência e sociedade.. Revista Portuguesa de Filosofia. Tomo LVI, 2000. Jan/Jun, pp. 148.

- 1) mitos, enquanto narrativas distorcidas da crise mimética e da vitimação unânime em favor do esquecimento da existência individual do desejo capaz de violência desenfreada,
- 2) ritos sacrificais, que promovem a paz aplacando os desejos miméticos e transcendendo os desejos de rivalidades a um plano coletivo e catártico,
- 3) rigorosos interditos¹¹, que previnem o aparecimento dos antigos motivos das crises miméticas, perpetuando a reconciliação dos integrantes públicos através do controle da violência - algo impetrado pelo sacrifício original e, inconscientemente, celebrado nos ritos sacrificais.

O sacrifício ritualístico passa a intermediar simbolicamente e inconscientemente a substituição do desejo de violência presente numa multidão latentemente enfurecida, expandindo entre todos uma expressão mítico-ritualista capaz de amortecer os desejos de violência sem explicitar ou mesmo lembrar a faticidade da existência do desejo incontrolável por violência existente entre e em todos. Ora o mito cria uma ambientação de amplitudes simbólico-consubstanciais entre norma, natureza e estética, capaz de assegurar a transferência no ato sacrificial do desejo de violência a um plano totalizador, criando uma experiência social capaz de justificar o sacrifício violento, mas sagrado, da vítima “responsável” pela crise mimética em que se vive. O sistema religioso de transcendência (não necessariamente metafísico) cria uma narrativa *ethica* totalizante capaz que arrebatou o indivíduo de sua singularidade desejante.

Bibliografia

- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- GIARAD, René. *El misterio de nuestro mundo*. Salamanca: Sígueme, 1982.
- GIRARD, René. *Um longo argumento do princípio ao fim. Diálogos com João Cezar de Castro Rocha e Perpaolo Antonello*. Rio de Janeiro: Toopbooks, (s/d).
- LOPES, Mareia da Graça Silva. *René Girard e a Psicologia Individual*. In: *O Contributo de René Girard: religião, violência e sociedade*. Revista Portuguesa de Filosofia. Tomo LVI, 2000. Jan/Jun.
- LOPES, Zeferino. *Para uma nova ciência dos mitos*. In: *O Contributo de René Girard: religião, violência e sociedade*. Revista Portuguesa de Filosofia. Tomo LVI, 2000. Jan/Jun, pp. 148).
- VERNANT, J.P. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas. São Paulo: Papyrus, 1992.
- VERNANT, J.P. *Mito e Política*. EDUSP, 1996.

¹¹ GIRARD, René. *Tem e Tabu*. In: *A violência e o sagrado*., op. Cit, pp.240-273.